

Previsão do IPC do ano vai a 6,5%

A taxa de 1,28%, registrada em outubro, é a mais alta medida pela Fipe em 27 meses

Christiane Bueno Malta
de São Paulo

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) de outubro, apurado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe/USP) no município de São Paulo, registrou alta de 1,28% — a maior taxa desde agosto de 2000, quando a oscilação dos preços, em relação ao mês anterior, foi de 1,55%.

Com isso, a previsão de inflação para o ano foi alterada novamente, de 5,5% para 6,5%. Esta é a quinta modificação no cálculo de inflação para 2002 desde o final do ano passado, quando a Fipe previu uma taxa anual de 3,5%.

O coordenador do IPC-Fipe, economista Heron do Carmo, explicou que a elevação acentuada dos preços em outubro é decorrente da turbulência no câmbio. A mudança na estimativa do ano é reforçada pelo patamar alcançado pela taxa acumulada no ano, de 5,14% até outubro.

Menos pressão em dezembro

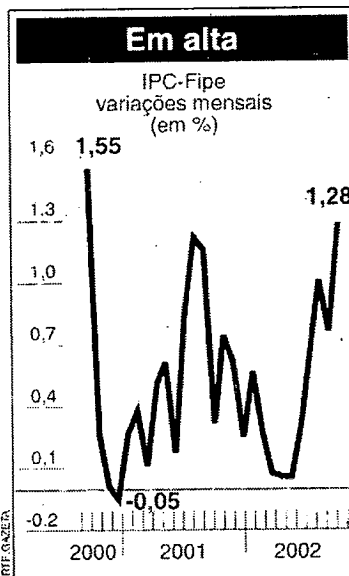
Além disso, somente o impacto da gasolina e do gás de botijão deverá representar algo como 0,31 ponto percentual na inflação de novembro. A projeção de inflação para este mês foi fixada em 1%, ainda um nível elevado se comparado ao de novembro de 2001, quando ficou em 0,61%.

Segundo Carmo, à medida em que a demanda for se retraindo, os preços dos combustíveis também deverão cair. O arrefecimento dos preços dos combustíveis, mais a inversão da taxa de câmbio daqui para frente — que até o final do ano poderá recuar para R\$ 3,20, conforme previsão do economista —, levaram a uma projeção de inflação para dezembro mais amena, de 0,5%. Para Carmo, em dezembro a volatilidade do câmbio terá sido reduzida, o que contribuirá para estabilizar também o IPC em 12 meses, que, na sequência, deve apresentar queda.

flação de 5%. A taxa para o próximo ano será menor que a de 2002, mas ainda carregará parte dos efeitos da desvalorização cambial até meados do ano, quando as tarifas públicas são reajustadas. Porém, a tendência é de que os índices que medem os preços do atacado registrem taxas menores, ao passo que os indicadores que apuram os preços ao consumidor apresentem variações maiores. “É o chamado pass-through do custo do câmbio para os preços, que já ocorreu no atacado e agora contamina o varejo”, disse Carmo.

O coordenador do IPC-Fipe advertiu que a pressão cambial deverá continuar a ser observada ao longo de 2003. Os preços das commodities agrícolas e dos derivados de petróleo sofrem influência direta das desvalorizações do real. Já as tarifas públicas respeitam contratos anuais, com reajustes em meados do ano.

Um exemplo do efeito imediato do câmbio foi a variação do grupo de preços dos alimentos em outubro — uma alta de 2,86%. “Aliás, a lista dos aumentos em outubro foi maior que a das quedas, basicamente por causa do câmbio”, disse Carmo. O arroz subiu quase 10% no mês. Neste caso, a cotação do dólar inviabilizou a importação



do produto, escasso em razão da quebra de safra no mercado interno. O pão francês, no mesmo período, registrou aumento de 6,09%; os cigarros, 5,08%; o frango, 7,73%; o álcool, 9,8% (efeito indireto do câmbio e da entressafra da cana); o óleo de soja, 11%.

Na verdade, o efeito câmbio é percebido há mais tempo, tanto no atacado quanto no varejo, pois nos

últimos dois anos a desvalorização cambial chega a ser de 100%, com o dólar saindo de uma cotação de R\$ 2,00 para R\$ 4,00. “A trajetória do dólar nesse período foi similar a de uma montanha russa”, disse Carmo.

Variação em 12 meses

Em 12 meses, o índice cheio do IPC-Fipe variou 6,05%. Produtos com forte influência cambial mostraram no mesmo período oscilações muito acima do índice geral. O gás de botijão subiu 16%; os artigos de limpeza, 10%; o sabão em pó, quase 20%; a geladeira, 12%; os panificados, quase 30%; o macarrão, 14%; a farinha de trigo, 33%; o óleo de soja, 44%; viagem (excursão), 16,2%. O preço da gasolina, em 12 meses, apresentou variação positiva de apenas 0,73%, em razão da alteração da Contribuição de Intervenção sobre Domínio Econômico (Cide).

A despeito dos acentuados aumentos, Carmo descartou a possibilidade de que ocorra uma inflação de dois dígitos em 2003, salvo um descontrole da política econômica. O que tem atenuado os índices inflacionários, lembrou o economista, são os preços contidos dos serviços, que dependem da renda da população.